

Editorial



Adelino Adilson de Carvalho

Universidade Federal de Goiás, Museu Antropológico



Indira Nahomi Viana Caballero

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais



Rosani Moreira Leitão

Universidade Federal de Goiás, Museu Antropológico

O volume 3(2022) da Hawò é composto por artigos que brindam uma ampla variedade de temas, desde acervos e discussões atuais sobre o patrimônio cultural no Brasil e no mundo, uma das linhas fortes da revista, até o tema de gênero, menos frequente entre nossas colaborações, porém, não menos importante no panorama da antropologia contemporânea. Assim, além do dossiê “Ritxoko é Ouro”, cuja temática está estreitamente relacionada a várias das frentes de trabalho do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, o volume está composto por cinco artigos avulsos. O primeiro, de Yanca de Jesus Alvim, pauta a questão de gênero vista desde uma perspectiva neurocientífica. A autora baseia-se na crítica feminista à ciência, especialmente nos conceitos de objetividade científica e de gênero, e analisa a relação entre teorias neurocientíficas sobre a estrutura cerebral de homens e mulheres e os estereótipos de gênero. Tais teorias acerca da diferenciação sexual do cérebro, conclui a autora, intensificam estereótipos de gênero e desigualdades entre homens e mulheres.

A contribuição de Gleidson de Oliveira Moreira, resultado de uma pesquisa etnográfica na Cidade de Goiás, volta-se novamente para o tema de gênero. Desta vez, o foco é o trabalho das lavadeiras da cidade como um processo de subalternização de gênero. No artigo, a migração e as dificuldades enfrentadas pelas

lavadeiras, com destaque para a dependência de indicações para conseguir trabalho e as inspeções físicas a que eram submetidas, são alguns dos pontos de tensão enfatizados pelo autor para abordar a subalternização. Os conflitos entre lavadeiras e patrões, bem como as disputas entre as próprias lavadeiras, reveladoras de complexas dinâmicas sociais e de poder envolvidas no ofício, também são considerados. Para Moreira, as lavadeiras atuam como curandeiras, médicas e psicólogas, ressignificando vidas e curando males visíveis e invisíveis. Um trabalho que se destaca como forma de resistência e negociação de territórios físicos e simbólicos, e sobretudo, uma luta pelo controle da narrativa histórica.

A seguir, Gustavo Ruiz Chiesa explora como os praticantes da Umbanda percebem os objetos materiais como essenciais para a expressão e fortalecimento da espiritualidade, destacando a interconexão entre o material e o imaterial. O uso de ervas, plantas, banhos de descarrego, oferendas e outros rituais que utilizam materiais para fins litúrgicos e espirituais são descritos. Em sua proposta a Umbanda emerge como religião que integra elementos de várias tradições, incluindo o Espiritismo Kardecista e religiões de matriz africana.

A tradição da Folia de Reis, presente em quase todos os cantos do Brasil, é desvelada por Marluce Magno e Regina Abreu. Neste artigo, as autoras discutem o declínio das narrativas orais e seu impacto na experiência humana, e analisam a Folia de Reis como uma expressão cultural que resiste à modernidade, preservando narrativas e tradições através de celebrações religiosas. A reflexão sobre como as narrativas são tratadas nos processos de patrimonialização e seus impactos na continuidade do patrimônio imaterial também fazem parte da proposta do artigo.

O último artigo avulso, de Hugo Ciavatta, acompanha a candidatura do cacique Jamamadi de Massekury a vereador

em Boca do Acre (AM) em 2016, explorando a linguagem e a comunicação política indígena em relação ao universo não indígena. Ciavatta ressalta que a participação indígena em eleições no Brasil não é uma novidade, lançando mão de exemplos notáveis como o de Sônia Guajajara, Joenia Wapichana e Mario Juruna, deputado federal indígena já nos anos 1980. O artigo destaca ainda desafios enfrentados, como a demarcação de terras e os conflitos com fazendeiros que invadem seus territórios, e mostra como essas interações moldam a política local.

Neste volume temos a satisfação de publicar o dossiê “Ritxoko é Ouro”, organizado por Manuelina Maria Duarte Cândido, Andréa Dias Vial e Nei Clara de Lima, o qual traz uma importante discussão sobre pesquisas e ações que o Museu Antropológico vem desenvolvendo há mais de uma década acerca do reconhecimento dos patrimônios culturais indígenas no Brasil e, em especial, do patrimônio cultural do povo Iny Karajá. Tais iniciativas colaboraram com o registro e políticas de salvaguarda das ritxoko, suas bonecas de cerâmica. “Ritxoko é ouro” é uma expressão carregada de significados e muito cara às ceramistas, pois ressalta a importância desse bem cultural como arte feminina, instrumento educativo e representação do universo cultural Iny Karajá. O dossiê, composto por cinco artigos, agrega outras dimensões aos trabalhos já desenvolvidos, sobretudo ao mapear e problematizar a presença das ritxoko (bonecas Karajá) em museus nacionais e estrangeiros.

As organizadoras do dossiê apresentam inicialmente o “Projeto Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais”, iniciativa que visa mapear e estudar coleções das ritxoko em museus brasileiros e estrangeiros, focando nos adornos corporais e indumentárias das bonecas. Iniciado em 2017, o projeto encontra-se em sua segunda etapa (2021-2024), mapeando até o momento coleções em 77 museus, trabalho conduzido por

uma equipe de pesquisadores e instituições de diversos países, cujo propósito principal é contribuir para a documentação e divulgação do patrimônio cultural Iny Karajá. No dossiê, o artigo de Indyanelle Marçal Garcia Di Calaça não apenas retoma alguns temas importantes presentes no Projeto Presença karajá como busca desnaturalizar a perspectiva eurocêntrica hegemônica nos modelos políticos e culturais que embasaram a formação dos museus e seus acervos. A discussão proposta promove reflexões sobre a colaboração entre pesquisadores indígenas e não indígenas nesse âmbito.

O artigo de Adriana Russi abre o dossiê partindo das críticas aos museus ocidentais, sobretudo aos museus etnográficos, enquanto expressões contundentes de práticas coloniais. Atualmente, tais instituições estão em busca de processos mais dialogais e decoloniais para pensarem seus acervos, especialmente no que se refere à relação com povos indígenas. Este é precisamente um dos focos do artigo, as práticas colaborativas com povos indígenas cuja participação, enfatiza a autora, ocorre em várias etapas dos processos museológicos: formação de acervo, documentação, curadoria de exposições e ações educativas. Russi aponta para os desafios de descolonizar acervos e práticas museológicas, para a necessidade de transformar tais práticas em políticas institucionais e para a urgência de implementação de curadoria transcultural.

Já Luciana Lang traça a história das bonecas de cerâmica ritxoko e explora as transformações em sua produção ao longo do tempo. A autora reflete sobre os potenciais desdobramentos de seu repatriamento que podem contribuir para uma prática descolonizadora dos museus e na oportunidade de ressignificação do próprio patrimônio, uma vez que as ritxoko estão inseridas em uma economia moral que produz tanto patrimônio quanto mercadoria. Contudo, Lang aborda também os desafios do repatriamento,

incluindo a necessidade de implementação de curadorias mais inclusivas, que considere as ceramistas Iny karajá como protagonistas, e a necessidade de repensar futuros ecológicos possíveis levando-se em conta os interesses das comunidades iny karajá.

A colaboração entre o projeto Presença Karajá e o GRASSI Museum na Alemanha, focada na análise de coleções ritxoko é o mote da descrição de Miriam Hamburguer. Para esse estudo, a equipe do Museu GRASSI em Leipzig colaborou com pesquisadores do Brasil, Bélgica, Espanha, Países Baixos e da região do Araguaia, realizando reuniões bimestrais para analisar a coleção Ritxoko, em que cada boneca foi examinada minuciosamente com o objetivo de determinar dados fundamentais: número de inventário, origem regional, material utilizado, possibilidade de identificar o artista e forma de aquisição. O artigo discute como a abordagem de museologia social reavalia o papel dos museus, priorizando o bem-estar das comunidades que contribuíram com artefatos e conhecimento imaterial, enfatizando a responsabilidade dos museus para com tais grupos culturais.

Finalmente, a colaboração dos autores Luciana de Castro Mendonça, Gabriel de Figueiredo da Costa e Labé Kàlariiki Idjawaru Karajá, tece diálogos entre as descrições das bonecas ritxoko “cabeça-muita” do Museu do Índio do Rio de Janeiro e os significados atribuídos a elas pelo próprio povo Iny Karajá. As bonecas representam temas cosmológicos, personagens míticos e seres sobrenaturais, materializando conteúdos imateriais da cultura Karajá e servindo como veículos de memória e resistência cultural, representando significados para além da rotina e hábitos diários. Segundo os autores, visitar as descrições técnicas das ritxoko em museus é uma forma não só de dialogar, mas de reavivar o patrimônio e de vivenciar a conexão entre passado e futuro.

Diante da variedade de pesquisas e de discussões

contemporâneas necessárias, agradecemos as contribuições de todos os autores e avaliadores e desejamos uma ótima leitura!